

Linguagem e dignidade: um ensaio a partir de *Frankenstein* de Mary Shelley

MARCIANO ADILIO SPICA *

Resumo

Este trabalho é um ensaio relacionando filosofia e literatura. Mais especificamente, o que pretendo mostrar é como a literatura pode ajudar a ilustrar grandes temas filosóficos. Para isso farei uma discussão relacionando a obra *Frankenstein* de Mary Shelley (2003) a algumas abordagens filosóficas sobre a linguagem. Mostrarei que a clássica obra de terror, supracitada, reúne passagens que ilustram o papel da linguagem na significação do mundo e, mais do que isso, na constituição da dignidade humana. Para tanto, recorreremos aos escritos de Habermas e Wittgenstein.

Palavras chave: Literatura; Filosofia; Frankenstein; Linguagem; Dignidade.

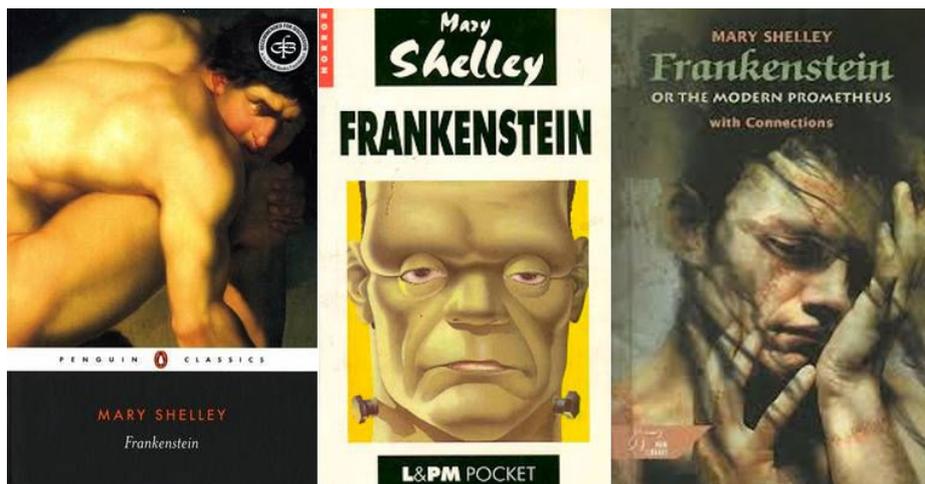
Abstract

This paper is an essay relating philosophy and literature. More specifically, we intend to show how literature can help illustrate philosophical themes. For this I will make a discussion relating *Frankenstein* to some philosophical approaches about the language. I will show that the classic work of horror, cited above, gathers passages that illustrate the role of language in the meaning of the world and, more than that, in the constitution of human dignity. I'll do that approaching *Frankenstein* of some writings of Habermas and Wittgenstein.

Key words: Literature; Philosophy; Frankenstein; Language; Dignity.



* **MARCIANO ADILIO SPICA** é Doutor em Filosofia. Professor Adjunto no Departamento de Filosofia da Unicentro.



1. Considerações iniciais

A obra literária *Frankenstein or the Modern Prometheus*¹ é bem conhecida e retrata as desventuras de um cientista – Dr. Frankenstein – que, tomado pela euforia dos poderes da ciência, resolve criar a vida a partir da matéria inanimada. Ao fazer isso, cria um monstro com forma humana e traços assustadores. Apesar de ser possível produzir muitos textos a respeito da estória do Dr. *Frankenstein*, relacionando-a, por exemplo, com o desenvolvimento da ciência e com o espírito científico do século XIX ou com as implicações éticas de tentar criar uma vida e abandoná-la após ser criada e muitos outros pontos relevantes à filosofia (o que, sem dúvida, mostra a riqueza de tal obra), gostaria de me ater em uma discussão a respeito da linguagem, tema que não é muito discutido a partir dessa obra, mas que, a meu ver, encontra-se presente de forma clara e pode servir para ilustrar muitas das reflexões ocorridas a respeito da linguagem no final do século XIX e no século XX. É preciso deixar claro que não pretendo fazer uma discussão a

respeito do quanto Shelley (2003) tinha consciência da importância da linguagem, o que farei é me apropriar de alguns trechos de sua obra para ilustrar a importância da linguagem, importância essa assumida, retratada e extremamente refletida na filosofia do século XX e que foi responsável por uma grande mudança até mesmo no modo de se fazer filosofia, enquanto disciplina acadêmica, passando-se de uma reflexão sobre a subjetividade e o conhecimento para uma reflexão sobre a linguagem.

A meu ver, a obra *Frankenstein* possibilita uma ilustração de duas reflexões extremamente importantes a respeito da linguagem. A primeira é a reflexão sobre o fato de que é pela linguagem que significamos o mundo e a nós mesmos. Somos seres linguísticos que compreendemos o mundo linguisticamente. A segunda reflexão é decorrente da primeira, isto é, do fato de sermos seres linguísticos que significamos o mundo e a nós mesmos a partir da linguagem e nossas relações com outros seres linguísticos fazerem parte de nosso mundo, essas relações são, essencialmente, relações linguísticas. Desse modo, a linguagem é fundamental para que possamos nos entender e para que possamos nos

¹ Utilizo a versão inglesa da obra de Shelley (2003) e as passagens citadas durante o trabalho são de minha tradução.

reconhecer enquanto participantes das relações humanas. Em outras palavras, a obra *Frankenstein* ilustra a grande importância que a linguagem possui para que possamos nos reconhecer como membros da espécie humana e para possuímos dignidade.

2. A importância da linguagem

Depois de ter sido recusado pela sociedade que se apavora com seus traços horrendos e ter descoberto quem o criou, a Criatura de *Frankenstein* (Shelley, 2003) resolve sair em busca de seu criador. Como se percebe ao ler a obra de Shelley (2003), muitas coisas acontecem no enredo até que um encontro se torne possível, porém, quando acontece o encontro sobre o monte Montavert, a Criatura começa a contar a história de sua vida àquele que o criou. Neste momento, há algumas passagens que ilustram o papel da linguagem na significação do mundo. A primeira, apesar de não falar especificamente da linguagem, mostra-se de suma importância para entender as outras passagens. Diz a Criatura a seu criador:

É com grande dificuldade que me lembro da época original de meu ser; todos os acontecimentos daquele período me parecem confusos e indistintos. Uma estranha multiplicidade de sensações tomava conta de mim, e eu via, sentia, ouvia e cheirava ao mesmo tempo; e isso foi, de fato, muito antes de aprender a distinguir entre as operações de meus vários sentidos. Gradualmente, eu me lembro, uma forte luz pressionou meus nervos e eu tive que fechar meus olhos. A escuridão, então, me envolveu e perturbou, mas mal sentira isso, e já, ao abrir os olhos, como agora suponho, a luz de novo se derramou sobre mim. Caminhei e, creio, desci, mas agora sentia uma grande alteração em minhas

sensações. (SHELLEY, 2003, p. 105)

Esta passagem tem a virtude de descrever como a Criatura experienciava o mundo antes de dominar a linguagem, antes de distinguir o mundo e significá-lo. As expressões “como agora suponho” e “creio” presentes no texto mostram que o relato só pode ser feito da forma que está sendo feito porque, agora, é possível significar, ou seja, figurar a experiência através de conceitos. Shelley (2003) não deixa lacuna nesse sentido e nos conta como a Criatura aprendera a linguagem que possibilitava, agora, contar uma história (figurar um mundo) para seu criador. A autora faz com que seu personagem monstruoso faça a seguinte descrição de como foi o aprendizado da linguagem:

Aos poucos fiz uma descoberta de importância ainda maior. Percebi que aquelas pessoas dispunham de um método de comunicar experiências e sentimentos umas às outras, através de sons articulados. Percebi que as palavras que diziam produziam ora prazer, ora dor, ora sorrisos, ora tristeza na mente e no rosto dos ouvintes. Essa era, sem dúvida, uma ciência divina, e desejei ardentemente tornar-me familiarizado com ela. (SHELLEY, 2003, p. 114-115).

Essa passagem encontra-se num momento crucial da obra, onde a Criatura observa os seres humanos e percebe que os mesmos possuíam uma maneira *sui generis* de se comunicar e, mais do que isso, significar o mundo. Gostaria de brevemente comparar o dito nesta passagem com as ideias de um dos mais influentes filósofos da linguagem do século XX, a saber, Ludwig Wittgenstein.

Em sua primeira obra, o *Tractatus Logico-philosophicus*, Wittgenstein

(2008) tem como grande objetivo delimitar os pensamentos e faz isso através da análise da linguagem. Tal tarefa só é possível de se fazer porque a linguagem não é meramente um instrumento que leva os pensamentos da mente ao mundo, ou seja, um instrumento de publicização dos pensamentos. Ao contrário disso, os próprios pensamentos são linguagem, sentenças que figuram, significam o mundo. A linguagem não tem um papel secundário no conhecimento, mas é a pedra basilar dele, já que só é possível conhecer através da linguagem. Mais do que isso, Wittgenstein (2008) acredita que a linguagem figura o mundo, representa-o. Nosso acesso a ele se dá através dela². É através dela que o representamos, que o entendemos e que o criamos. É preciso perceber que não simplesmente descrevemos aquilo que é atual, mas figuramos fatos possíveis, os quais podem ou não ser o caso³.

² É nesse sentido que podemos entender o trecho “Que o mundo seja meu mundo, é o que se mostra nisso: os limites da linguagem (a linguagem que, só ela, eu entendo) significam os limites do meu mundo.” (Wittgenstein, 2008, 5.62). Aqui Wittgenstein não está dizendo que existe uma linguagem para cada sujeito, mas que o mundo de cada sujeito é limitado pela linguagem. Só conhecemos o mundo que nossa linguagem nos permite conhecer, o que está para além daquilo que é significativo, não é conhecido de forma significativa. É a lógica da linguagem que determina o que pode e o que não pode ser conhecido, o que faz e o que não faz sentido.

³ É importante perceber que no *Tractatus* a linguagem não meramente descreve o mundo, mas representa fatos possíveis. Uma proposição com sentido é uma proposição passível de verdade ou falsidade. Diante disso, é possível falar em criar mundos possíveis através da linguagem, desde que respeitadas as leis lógicas. Trabalhei isso de forma mais detalhada em: SPICA, M.A. *Linguagem e ciência em Wittgenstein*. In: Revista Intuitio: v.2, n.1, 2009. p. 101-123.

Quando a Criatura de Frankenstein diz que os seres humanos possuem um “método de comunicar experiências”, o que ele percebe é que eles possuem um método de representar, de figurar o mundo que os rodeia. Para Wittgenstein (2008), essa figuração ou representação só é possível porque mundo e linguagem possuem uma forma lógica comum que permite que os nomes enunciados por nós se acoplem aos objetos que queremos representar. No fundo o que ele percebe é que linguagem e mundo possuem uma mesma estrutura. Enquanto a linguagem é a totalidade de proposições, que são formadas a partir de proposições elementares, as quais são formadas de nomes, – estes sendo os constituintes últimos da linguagem, ou seja, termos indecomponíveis – o mundo é formado de fatos, que são ligações de estados de coisas, que são formados de objetos, componentes últimos do mundo. Essa forma comum permite que figuremos o mundo. Para Wittgenstein (2008), toda vez que figuramos fatos do mundo, é como se cada nome das proposições que estamos usando, substituísse um objeto do mundo. A Criatura de Frankenstein parece entender o mesmo ao dizer ao seu criador:

Mas fracassei em todas as tentativas que fiz nesse sentido [o de aprender a linguagem]. Sua pronúncia era rápida, e as palavras que eles proferiam não tinham nenhuma conexão aparente com os objetos visíveis, e eu era incapaz de descobrir alguma pista para desvendar o mistério de sua referência. Com grande aplicação, porém, e depois de ter permanecido durante o espaço de muitas revoluções da lua em meu galpão, descobri os nomes de alguns dos mais familiares objetos de conversação; aprendi e apliquei as palavras ‘fogo’, ‘leite’, ‘pão’ e

‘madeira’. Também aprendi os nomes dos moradores do chalé. O jovem e sua companheira tinham cada um diversos nomes, mas o velho tinha só um que era ‘pai’. A menina era chamada de ‘irmã’ ou ‘Agatha’, o rapaz de ‘Felix’, ‘irmão’ ou ‘filho’. Eu não posso descrever o prazer que senti ao aprender as ideias apropriadas para cada um daqueles sons e fui capaz de pronunciá-los. Distingui diversas outras palavras, sem ser ainda capaz de entendê-las ou aplicá-las, como ‘bom’, ‘caríssimo’ ou ‘infeliz’ (SHELLEY, 2003, p.115).

É importante ver que, de início, a criatura não consegue perceber a lógica que está por trás da linguagem, lógica exposta por Wittgenstein no *Tractatus*. Ao perceber como ela funciona, ele consegue associar nomes (palavras) a objetos e sentenças a fatos. Mas aparece algo nessa passagem que mostra o erro das ideias de Wittgenstein (2008) em sua primeira obra.

Os nomes não são meramente referência a objetos no mundo. Cada nome usado na linguagem, não corresponde meramente a objetos no mundo. A linguagem é mais dinâmica que isso. A Criatura de Frankenstein percebe isso ao dizer que aprendeu as palavras, mas também a aplicá-las corretamente, mais do que isso, aprendeu que um mesmo objeto (os moradores do chalé) podem ter mais do que um nome. No fundo, o que a criatura aprendeu foram as jogadas, as regras, os lances necessários para poder jogar os diversos jogos que a linguagem permite jogar. Em verdade, a criatura aprendeu jogos de linguagem, ideia defendida por Wittgenstein (2001) após perceber que o *Tractatus* reduzira a linguagem a mera representação de mundo.

É nas *Philosophical Investigations* que Wittgenstein (2001) corrige seu próprio

erro e afirma que a linguagem não pode ser reduzida a mera representação de fatos. Os nomes que compõem proposições podem representar objetos no mundo, mas esse é apenas um jogo de linguagem, aquilo que poderíamos chamar de jogo da representação ou da figuração. Mas há muitas outras formas de se jogar com os nomes. Não simplesmente representamos o mundo, mas cantamos, rezamos, brincamos de roda, calculamos, xingamos, fazemos poesia, enfim, fazemos inúmeras coisas que não são figuração (Cf. WITTGENSTEIN, 2001, § 23).

Neste sentido, o monstro criado por Frankenstein parece ter aprendido corretamente a linguagem. Ele não aprendeu simplesmente o significado dos nomes, mas aprendeu a aplicá-los. Aplicar a palavra fogo, por exemplo, em diferentes situações como no caso de referir-se ao fogo, no caso de gritar ‘fogo!’ para que alguém corra ou outras diversas utilizações que fazemos da palavra fogo. Isso é dominar a linguagem, dominar sua gramática, a qual não é nada mais do que as regras de uso da linguagem.

Como bem coloca Moreno (2005, p. 49), ao comentar a obra de Wittgenstein, “[...] compreender a significação é ser capaz de aplicar a regra a casos diferentes, imprevistos mesmo, e ser capaz, inclusive, de fazer novas aplicações. É assim que, de fato, aprendemos, ensinamos e compreendemos: através de exemplos e de aplicações.” Parece que a Criatura de Frankenstein aprendeu isso corretamente, pois não repetia como um papagaio o que ouvia, mas foi capaz de aplicar a linguagem, pois novos usos se faziam necessários, já que a linguagem é dinâmica assim como o é a condição humana. Novas práticas podem ser criadas pelos humanos e essas práticas

poderão necessitar de uma nova linguagem⁴.

3. Linguagem e dignidade

Somente dominando a linguagem, aprendendo seus usos, suas regras, das quais muitas são tácitas, é que nos tornamos capazes de nos compreender e, ao nos compreender, somos capazes de dialogar e nos fazer entender e, ao nos fazer entender, ao participar do mundo linguístico, formamos nossa identidade e somos capazes de nos relacionar com outros seres possuidores de linguagem. Neste sentido, é isso que Shelley (2003) também nos mostra ao colocar na boca da Criatura a seguinte passagem:

Progredi, contudo, sensivelmente nessa ciência [a linguagem], mas não o suficiente para acompanhar todo tipo de conversa, embora me aplicasse com toda a minha inteligência nessa empreitada, pois percebia com facilidade que, embora ansiasse profundamente por revelar-me aos moradores do chalé, não devia fazer a tentativa sem antes tornar-me mestre em sua linguagem, um conhecimento que poderia permitir-me fazê-los deixar de lado a deformidade de minha figura, pois também disso o contraste sempre presente aos meus

⁴ É nesse sentido que Moreno escreve: “De fato, os usos das palavras sempre são voltados para finalidades criadas no interior de situações e práticas – seja na prática da vida cotidiana, seja na prática científica, ou, ainda, nas diversas formas de prática filosófica, artística, religiosa etc. -, de maneira que essas finalidades podem ser as mais variadas, desde a construção de sistemas de medida, teorias científicas, sistemas filosóficos, artísticos e religiosos, até a construção de objetos, como casas, pontes etc. a essas finalidades gerais deve-se acrescentar também as funções propriamente linguísticas de uso das palavras: expressão, comunicação, descrição, contato, influência, isto é, os usos ilocutórios em geral.” (MORENO, 2005, p.154-155.).

olhos me fizeram consciente. (SHELLEY, 2003, p. 90).

Essa passagem é uma das mais ricas da obra de Shelley (2003), justamente por mostrar o quão importante é a linguagem. A autora diz através da Criatura de Frankenstein que somente dominando a linguagem daqueles com quem tal Criatura queria manter relação é que tal relação poderia se tornar possível. Eles deixariam de lado sua figura horrenda e se comunicariam. A linguagem permitiria à Criatura, ao menos essa era a sua esperança, aproximar-se e ser reconhecida não pelos seus traços, não como alguém diferente, mas como alguém igual, capaz de dialogar e de expor suas ideias.

A linguagem daria ao monstro certa dignidade ou ao menos a possibilidade de sentir-se participante em uma relação. Dessa forma, ele não se sentiria sozinho, mas parte de uma comunidade que o reconheceria como apenas mais um e não como uma aberração. Parece que, em algum sentido, Shelley (2003) antecipa as ideias de Habermas, o qual afirma que é através da linguagem que o ser humano alcança dignidade. Este, em sua obra *O futuro da natureza Humana*⁵ escreve:

Os animais são beneficiados pelas obrigações morais, e por consideração a eles precisamos levar essas obrigações em conta ao

⁵ Apesar de estar citando a obra *Futuro da natureza humana* de Habermas, eu poderia, da mesma forma, citar outras obras, como por exemplo, *Consciência Moral e Agir Comunicativo* e *Verdade e Justificação*. Porém a escolha de tal obra se deu pelo fato da obra apresentar alguma relação com a Criatura de Frankenstein, já que nessa obra Habermas está discutindo problemas advindos do avanço da ciência e a Criatura, na obra de Shelley é fruto das possibilidades da ciência. Nesse sentido, se poderia fazer um trabalho apenas relacionando a obra citada de Habermas com a obra de Shelley, mas esse não é nosso objetivo aqui.

lidarmos com criaturas que também são passíveis de sofrimento. Mesmo assim, eles não pertencem ao universo dos membros que dirigem *uns* aos *outros* ordens e proibições intersubjetivamente reconhecidas. Conforme pretendo demonstrar, a “dignidade humana”, entendida em estrito sentido moral e jurídico, encontra-se ligada a essa simetria das relações. Ela não é uma propriedade que se pode ‘possuir’ por natureza, como a inteligência ou os olhos azuis. Ela marca, antes, aquela ‘intangibilidade’ que só pode ter um significado nas relações interpessoais de reconhecimento recíproco e no relacionamento igualitário entre as pessoas (HABERMAS, 2010, p. 47).

O que Habermas defende é o fato de que a dignidade humana não parece ser algo natural, mas conquistado num mundo público de relações linguísticas. A Criatura de Frankenstein ansiava por ser reconhecida pelos seres humanos, mas sabia que o único meio de ter acesso a isso era através da linguagem. Com ela, ele poderia contar sua história, já que foi através da linguagem que ele aprendeu a reconhecer-se e reconhecer o mundo que o cercava. Com a linguagem, a Criatura sonhava poder alcançar a simetria falada por Habermas. Simetria essa que se dá no fato de poder falar, como todos falam; poder contar histórias, como todos contam; poder argumentar, como todos argumentam; e introduzir na comunidade de fala novos problemas, que viriam de suas necessidades, de seus desejos. Sem a linguagem, é impossível fazer parte do discurso, sem a linguagem a dignidade não é atingida plenamente⁶. A dignidade, ser

reconhecido como um ser digno, é uma construção que se dá no meio social, através da linguagem.

A individualização da história de vida realiza-se por meio da socialização. Aquilo que, somente pelo nascimento, transforma o organismo numa pessoa, no sentido completo da palavra, é o ato socialmente individualizante de admissão no contexto *público* de interação de um mundo da vida partilhado intersubjetivamente. Somente a partir do momento em que a simbiose com a mãe é rompida é que a criança entra num mundo de pessoas, que vão ao seu encontro, que lhe dirigem a palavra e podem conversar com ela. [...] Apenas na esfera pública de uma comunidade linguística é que o ser natural se transforma ao mesmo tempo em indivíduo e em pessoa dotada de razão (HABERMAS, 2010, p.49).

A Criatura do Dr. Frankenstein está em busca de reconhecimento numa comunidade de fala. Ela já não possui laços com seu criador (se é que um dia teve, dada a rejeição de Frankenstein à sua criação) e deseja fazer parte de uma comunidade de fala, deseja falar. Sem esse desejo realizado, falta-lhe algo. Tal criatura reconhece que é só assim que conseguirá sua dignidade.

Toda conversa entre os moradores do chalé agora era motivo para

coerções (Cf. HABERMAS, 2003, p. 112). Mais ainda é preciso perceber o quão importante é darmos a todos o direito de falar, de argumentar. Somente assim, é possível ouvir suas histórias e saber suas necessidades. Uma comunidade de fala que não deixa falar ou onde apenas alguns falam tem o problema de não ouvir as necessidades e angústias daqueles que são impossibilitados de falar, de contar suas histórias. São esses, muitas vezes, aqueles que mais necessitam do apoio da sociedade, mas que devido a seus traços não convencionais não podem falar.

⁶ Por isso da importância para Habermas, por exemplo, que todos possam ter acesso ao Discurso, que todos possam falar livres de

novos espantos. Enquanto ouvia as instruções que Félix dava à árabe, era-me explicado o estranho sistema da sociedade humana. Fui informado sobre a divisão da propriedade, da imensa riqueza e da sórdida pobreza, da condição social, da descendência e do sangue nobre.

As palavras levaram-me a voltar-me sobre mim mesmo. Aprendi que as posses mais estimadas por seus semelhantes eram uma linhagem alta e impoluta, unida com riqueza. Um homem pode ser respeitado só com uma dessas vantagens, mas sem nenhuma é considerado, com raras exceções, um vagabundo e um escravo, fadado a gastar suas capacidades em proveito de uns poucos eleitos! E o que era eu? De minha criação e de meu criador, era absolutamente ignorante, mas sabia que não tinha dinheiro, nem amigos, nem propriedades. Além disso, era dotado de uma figura medonhamente deformada e asquerosa; não tinha sequer a mesma natureza que o homem. Era mais ágil do que eles e podia subsistir com uma dieta mais rudimentar; suportava o calor e o frio extremos sem maiores danos ao meu corpo; minha estatura excedia a deles. Quando olhava ao meu redor, não via nem ouvia ninguém como eu. Era, então, um monstro, uma aberração da terra, de que todos os homens fugiam e que todos os homens renegavam? (SHELLEY, 2003, p.122-123).

É com as palavras em seu uso público que os seres possuidores de linguagem reconhecem-se e podem, inclusive, refletirem sobre si mesmos. A Criatura de Frankenstein percebe isso e se reconhece, consegue dar início ao processo de significar sua existência e a pergunta final revela a necessidade de ser reconhecido, de participar de um diálogo, de poder comparar-se a outros como igual. Somente através da

linguagem que ele pode ser reconhecido, não enquanto forma assustadora, mas enquanto ser capaz de sentir, julgar, pensar e por que não amar. Ele precisa, de alguma forma, compartilhar um mundo da vida e isso só é possível com o domínio da linguagem.

Porém, ao ler a obra de Shelley (2003), são poucas as vezes que é dado à criatura o direito de falar, de usar sua linguagem e expor seus argumentos. Na maioria das vezes, o que acontece é o susto diante da forma horrenda, e decorrente disso a fuga ou a agressão. Atitudes não muito diferentes da sociedade atual, que busca dar ao ser humano uma forma padrão e tudo aquilo que foge a esta forma é assustador e deve ou ser deixado de lado (ignorado) ou extinto (através da agressão). É assim a atitude existente em certos círculos sociais nos quais não é permitido, por exemplo, mendigos, homossexuais, certas etnias e assim por diante se expressarem como locutores intercambiáveis a partir da enunciação que se dá aos seus enunciados na vasta criação de outros possíveis novos enunciados. Não é dado a essas pessoas o direito de discursar, de expor argumentos, de mostrar que talvez não sejam tão diferentes do que sua forma física, seu local de nascença ou escolha sexual parece pressupor. Ao contrário disso, suas formas diferentes são tomadas como assustadoras e criam a ideia de que é preciso urgentemente nos livrar delas, deixá-las longe de nosso alcance.

No romance de Shelley (2003) as únicas vezes que a Criatura se aproxima de ser considerada um ser humano é quando lhe é permitido falar, quando lhe é permitido dirigir a palavra a alguém. São nesses momentos, que o monstro, a criatura tão deformada, aproxima-se da

humanidade e é quase reconhecida como um humano. São três os momentos inquestionáveis da obra que o monstro aparece falando com outra pessoa, dirigindo a elas a palavra:

- 1) quando dialoga com um velho cego,
- 2) no momento de convencer seu criador a ouvir-lhe
- 3) no momento da morte do Dr. Frankenstein, no navio que o resgatou da água.

Gostaria de me ater no segundo momento e relatar os outros dois ao final, apenas a título de comparação. Aqui, a Criatura pede a Frankenstein que não a mate antes de ouvir o que tem a dizer. Frankenstein, apesar de todo o seu ódio por ela, devido a todas as desgraças que causou, aceita ouvi-la.

O diálogo em que a Criatura convence seu criador a ouvi-la é comovente e rica em detalhes que mostram o quanto o monstro busca por reconhecimento ou ao menos, por um pouco de dignidade. Reproduzo aqui, apenas uma parte dos argumentos da Criatura no momento da súplica para ser ouvido:

Tem compaixão de mim e não me desprezes [diz a criatura]. *Ouve* a minha história; quando a tiveres ouvido, abandona-me ou tem misericórdia de mim, pois julgarás o que mereço. *Mas ouve-me*. Aos culpados é permitido, pelas leis humanas, por mais sangrentas que sejam, *falar em defesa própria antes de serem condenados*. *Ouve-me*, Frankenstein. [...] *Escuta-me* e, então, se puderes e se quiseres, destrói o trabalho de tuas mãos. (SHELLEY, 2003, p.103-104)

É interessante perceber que a Criatura pede apenas para ser ouvida. Ela quer falar, porque sabe que ao falar pode ser reconhecida, terá a chance de ser

entendida, para além de seus defeitos e qualidades. Mas, além disso, percebe-se que a Criatura evoca um direito tipicamente humano, o direito a defesa, como modo de convencer seu criador a ouvi-la. Ora, é preciso não esquecer que o direito a defesa é dado justamente pelo fato de que os seres humanos possuem dignidade e não podem ser condenados sem antes explicar seu crime ou tentar se defender. É dado, pelo menos hipoteticamente, a todo o ser humano o direito de falar. E é esse direito que a criatura evoca⁷.

Frankenstein se comove com os argumentos da Criatura e a deixa contar a história. Mas por quê? Um dos motivos foram os argumentos utilizados pela Criatura. Os argumentos o convenceram. Frankenstein só não começou uma briga com aquilo que criara porque ouviu, deixou falar. Ao deixar falar o criador reconheceu na criatura algo impossível sem a palavra. Ele começa a nutrir sentimentos, a reconhecer algo que não poderia ser reconhecido sem a linguagem, a saber, ao menos alguns resquícios de humanidade.

Ao dizer isso, ele seguiu adiante através do gelo; eu fui atrás. Meu coração estava aflito e não lhe respondi, mas, ao seguir em frente, ponderei os diversos argumentos de que ele se valera e resolvi pelo menos ouvir a sua história. Em parte, eu era impelido pela curiosidade, e a compaixão fez com que eu me decidisse. [...] Pela

⁷ Além disso, o próprio Frankenstein já havia sofrido uma perda terrível pela falta de direito à defesa, a morte de sua empregada e amiga que fora acusada injustamente de matar seu irmão caçula. A obra de Shelley (2003) mostra-se novamente interessantíssima já que podemos discuti-la sob a ótica também da ética e da política (Veja-se por exemplo: BOTTING, 1991; BOTTING, 1995 e, ainda, HINDLE, 1994)

primeira vez, também senti quais eram os deveres do criador para com sua criatura, e que devia torná-lo feliz antes de me queixar de sua maldade. Esses motivos levaram-me a consentir ao seu pedido. (SHELLEY, 2003, p. 104).

Frankenstein deixa o monstro contar sua história, uma história que termina com o pedido ao criador que crie uma nova criatura, agora uma mulher, com quem ele possa viver. Tal pedido surge do fato de que a Criatura vive sozinha e não se reconhece em nenhum outro ser, enquanto os humanos se reconhecem uns nos outros e não a aceitam como parte da humanidade. Mas não cabe aqui continuar a mensurar o diálogo entre Frankenstein e sua criatura. É importante apenas reforçar o fato de que é somente quando consegue fazer uso da linguagem que o monstro consegue se relacionar de forma pacífica com os seres humanos. Somente assim ele consegue aproximar-se da humanidade e expor seus problemas e angústias.

O mesmo acontece quando a criatura resolve manter contato com o velho cego do chalé, em cujo galpão aprendeu a linguagem e a origem de sua existência. Por ser cego, o velho não percebe a forma horrenda da criatura e a deixa falar. Aqui é importante perceber que a cegueira do velho, faz o papel da igualdade de condições na esfera comunicativa. Em outras palavras, é por não ver (os defeitos, as desigualdades, aquilo que o torna diferente, permitindo que o monstro seja um igual no discurso) que o velho permite falar, não se espanta com a figura de seu interlocutor e permite a ele lançar mão de seus problemas, suas necessidades e sua busca por reconhecimento. Aqui, o monstro consegue falar, comove o velho que lhe oferece ajuda. Tal ajuda poderia se tornar efetiva, se o diálogo não fosse bruscamente interrompido pelos outros

moradores do chalé, os quais se amedrontam com a Criatura que está a conversar com o ancião e a agridem, fazendo-a correr desesperada e desgostosa da humanidade (SHELLEY, 2003). Uma humanidade que nega o direito de falar e de contar sua história é uma humanidade que nega, portanto, tudo o que um ser humano conseguiria alcançar em sociedade.

Também no momento da morte do Dr. Frankenstein, a criatura aparece ao capitão do navio que resgatou seu criador das águas geladas. Apesar de Frankenstein ter solicitado ao capitão que buscasse e matasse aquilo que ele criara, há um diálogo entre a criatura e o capitão. E este último o deixa falar. Mais do que isso, apesar de assustado e indignado com os crimes da criatura, e, apesar de não estar de forma clara na obra de Shelley (2003), parece deixar chorar a morte daquele que o criara. “Nunca vi nada tão horroroso como o seu rosto, medonho e repugnante [afirma o capitão]. Sem querer, cerrei os olhos e tentei lembrar quais eram os meus deveres quanto àquele destruidor. Pedi-lhe que ficasse” (SHELLEY, 2003, p. 221). Mais adiante, o capitão revela um misto de sentimentos diante da visão da criatura chorando a morte de seu criador.

Sua voz parecia sufocada, e meu primeiro impulso, que me sugeriu o dever de obedecer aos últimos desejos de meu amigo, destruindo o seu inimigo, ficou agora suspenso por um misto de curiosidade e compaixão. Aproximei-me daquele ser aterrador; não ousava erguer de novo os olhos para o seu rosto, pois havia algo de assustador e fantasmagórico em sua feiura. Tentei falar, mas as palavras morreram em meus lábios. [...] Por fim, reuni coragem para dirigir-me a ele, numa pausa da tempestade de

sua comoção (SHELLEY, 2003, p. 221-222).

O que o capitão diz à Criatura não é tão importante para os propósitos deste texto, apesar de ser poeticamente lindo e profundamente relevante para o desabafo da Criatura, que, através de uma bela sequência de frases, afirma ter sofrido os mais angustiantes e terríveis sentimentos por causa da rejeição da humanidade e principalmente pela rejeição por parte de seu criador. O importante é perceber que nos três momentos citados da obra, a criatura se aproxima da humanidade ao lhe ser dada a oportunidade para falar. Mas, os argumentos, parecem não convencer e o que resta são os traços fantasmagóricos de uma criatura que se diferencia muito da humanidade como um todo.

4 – Observações finais

Contudo o que vimos, percebe-se o quanto a obra de Shelley (2003) trabalha o papel da linguagem. Não podemos dizer, com certeza, que a autora tem plena consciência desse papel, mas podemos afirmar que a obra *Frankenstein* (2003) pode contribuir para ilustrar a importância da linguagem para a formação da subjetividade, o reconhecimento do mundo e para o alcance da dignidade humana.

Ao final da obra de Shelley (2003), a linguagem (usando argumentos) parece fracassar e tudo o que resta ao monstro de Frankenstein é permanecer sozinho, sem ser reconhecido. Tal final é pessimista, já que o monstro não consegue uma relação pacífica com a humanidade. É preciso ressaltar novamente, porém, que os poucos momentos em que lhe é permitido, na obra, falar com um ser humano, mostra a importância da linguagem para manter relações humanas harmoniosas. Relações essas de extrema importância quando vivemos em uma sociedade

plural, na qual nem todos temos a mesma aparência ou compartilhamos as mesmas crenças. O diálogo, no qual falamos e ouvimos, é essencial numa sociedade democrática e plural. Se não o praticarmos, corremos o risco de condenar pessoas, tratando-as como monstros e repetir a saga do personagem monstruoso de Shelley, além de alimentar fascismos e ódio ao diferente.

Para além do que tratamos neste texto, a obra literária aqui trabalhada faz surgir questionamentos muito importantes para a área da filosofia, com questionamentos que tratam dos objetivos dos avanços da ciência, o preço do progresso, a formação do caráter humano, etc. Esses questionamentos mostram quão rica a literatura pode ser tanto para gerar problemas filosóficos, quanto para ilustrar problemas com os quais os filósofos estão envolvidos.

Referências

- BOTTING, F. *Making Monstrous: Frankenstein, Criticism, Theory*. Manchester: Manchester University Press, 1991.
- _____. (ed.). *Frankenstein, Mary Shelley*. Basingstoke: Macmillan, 1995.
- FELDHAUS, C. *Natureza humana, liberdade e justiça: um estudo a respeito da posição de Habermas acerca da biotécnica*. Curitiba: Editora CRV, 2011.
- HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Trad.: Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- _____. *Verdade e Justificação: ensaios filosóficos*. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. *O future da natureza humana*. Trad.: Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- HINDLE, M. *Introduction*. In: SHELLEY, M. *Frankenstein or the Modern Prometheus (revised edition)*. London: Penguin Books, 2003.

HINDLE, M. *Mary Shelley's Frankenstein*. Harmondsworth: Penguin Books, 1994.

MORENO, A. R. *Introdução a uma pragmática filosófica: de uma concepção de filosofia como atividade terapêutica a uma filosofia da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

SHELLEY, M. *Frankenstein or the Modern Prometheus (revised edition)*. London: Penguin Books, 2003.

SPICA, M. A. *Linguagem e ciência em Wittgenstein*. In.: Revista Intuitio v.2, n.1, 2009. p. 101-123.

_____. *A religião para além do silêncio: reflexões a partir dos escritos de Wittgenstein sobre religião*. Curitiba: CRV, 2011.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations: the German Text, with a Revised English Translation*. Trad.: G. E. M. Anscombe. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 2008.

Recebido em 2015-01-27
Publicado em 2015-08-09